

Cintas-largas gripados iniciam contato em vila de Mato Grosso

FONTANILLAS, MATO GROSSO (O GLOBO) — Em um barracão às margens do Rio Juruena, em Fontanillas, um grupo de 15 índios da tribo cinta-larga, gripada e sem falar uma única palavra em Português, mantém os primeiros e tímidos contatos com os homens brancos desde sexta-feira passada, quando foi trazida da mata por Carlos Ferreira, catarinense de 36 anos que decidiu ganhar a vida na Amazonia descobrindo minas de ouro e diamante.

Os 15 índios nus apareceram, pela primeira vez, na picada da futura estrada entre Fontanillas e a cidade científica de Humboldt, em Mato Grosso, em área interdita do Parque Indígena do Aripuanã. Os índios sorriam e mostravam as crianças, temerosas de que alguns dos 40 peões que estão a serviço da Codemat e do DER-MT pudessem atacá-los de repente e se repetissem as matanças ocorridas há 14 anos, no Paralelo 11, quando 17 índios foram assassinados pelos brancos.

Contato

Durante três dias os cinta-larga permaneceram junto aos brancos que trabalham na rodovia, entregando-lhes seus pertences tradicionais em troca de um bom tratamento por parte dos trabalhadores. Mas, sexta-feira, Carlos Ferreira — que já participou da pacificação dos índios avá-canoeiros, anos atrás — achou que o lugar era muito perigoso e decidiu levá-los para Fontanillas, distante 65 quilômetros de Humboldt.

— Recebi uma oposição cerrada na vila — disse Carlos Ferreira — com muita gente temerosa de que os índios pudessem tentar algum saque ou mesmo não gostassem da gente e fizessem um ataque repentino à noite.

A preocupação em cuidar dos cinta-larga, segundo Carlos Ferreira, é para pagar uma velha dívida:

— Eles respeitaram minha mulher e meus dois filhos durante oito meses, em uma choupana no meio da floresta, enquanto eu estava doente, sem condições de ir até lá.

Pavor

A presença dos 15 índios cintas-largas, armados de arco e flecha, no povoado de 200 pessoas, distante 730 quilômetros de Cuiabá, deixou a população temerosa. A fama dos indígenas de atacarem todos os brancos que encontram é forte na região e há pessoas, como o tratorista Joaquim Porfírio da Silva, que estão dispostos a fugir.

— Acho uma temeridade deixar esses índios aqui. O rapaz tem boas intenções mas nem o padre quis saber desse grupo indígena ainda sem contato. De qualquer forma, ele assumiu a responsabilidade e nós lavamos as mãos. Ontem fui procurado para ajudar, pedindo colaboração da Funai, mas até agora ninguém apareceu — explicou Lino Rochedo, representante em Fontanillas da Prefeitura de Aripuanã.

O padre Balduino, Lebens, que desde 1969 está trabalhando junto aos índios canoeiros, nas proximidades de Fontanillas, foi procurado por Carlos Ferreira para dar ajuda:

— Nada pude fazer porque atuamos só com os índios canoeiros subordinados à Delegacia da Funai em Cuiabá. Os cintas largas já são da Delegacia de Porto Velho e não temos autoridade para agir com eles. Mesmo assim, mandei um rádio para a Delegacia e prometeram enviar gente.

Outros grupos de cintas-largas poderão perambular pelos arredores de Fontanillas.

— Imagine — disse Lino Rochedo — se eles acharem que seus irmãos estão sendo maltratados e decidiram vir averiguar. A presença de muitos índios de uma só vez nessa vila pequena vai apavorar todo mundo e ninguém sabe o que poderá acontecer.

Mas essa possibilidade é rebatida com vigor por Carlos Ferreira, certo de que os índios procuraram os brancos para destes se tornarem amigos, temendo seu maior número e suas máquinas.

Todos doentes

O chefe do grupo cinta-larga é chamado de "Vinã", devido sua preferência pelo nome, demonstrada através de sinais. Como seus companheiros, prefere andar inteiramente nu, apesar da insistência de Carlos Ferreira em oferecer-lhe calças e camisas velhas.

— Eles vestem as roupas, mas quando estão sozinhos as tiram. Gostam de comer mandioca assada, milho, barata e nabo. Comeram só um pouco de macarrão e não gostaram de pão nem de café. Parece que ficariam facilmente com os brancos — afirma Carlos Ferreira.

Seis homens, quatro mulheres e cinco crianças — os 15 índios tosem e espirram muito, demonstrando sofrer com uma gripe que começa a atacar a garganta de vários deles. Para combater a doença, Carlos encontrou apenas chá de alho e se preocupa agora em agasalhá-los contra as noites frias de inverno.

— Por mais uns 15 dias ainda aguento — disse — tratar deles. Espero que a Funai ou outro órgão do Governo venha dar uma ajuda e evite problemas com esses índios.

Um indigenista da Funai, em Cuiabá admitiu ontem que quando um grupo de índios é contaminado pelo vírus da gripe pode morrer rapidamente:

— Se não houver cuidados — disse — em uma semana dois tercios já terão morrido porque são muito frágeis e não têm anticorpos.

O padre Balduino, que em 1963 trouxe para Barranco Vermelho 60 índios canoeiros recém-contatados, também acredita na morte dos cintas-largas se imediatas providências não forem tomadas:

— Na minha época eles precisaram ficar um ano recebendo remédios e mesmo assim um terminou morrendo, quando esperávamos ter ultrapassado a fase de maior perigo.

Por meio de sinais, Carlos Ferreira se comunica com os índios e acha que eles estão sofrendo muito na selva, atacados por doenças. Os sinais do chefe cavando o chão e chorando poderão ser interpretados como a abertura de covas todos os dias para enterrar sua gente, morta de frio ou de gripe transmitida pelas frentes de trabalho abertas desde o ano passado, para construção de rodovia, entre Fontanillas e Vilhena, com 350 quilômetros de extensão.

Ação da Funai

O Instituto de Pesquisas da Amazonas (INPA) em Humboldt pediu autorização oficial do Presidente da Funai, General Ismarth de Araújo Oliveira, para prestar assistência médica aos índios doentes. A Funai ainda não decidiu se concederá a autorização, pois o presidente espera um parecer da Divisão de Saúde do Departamento Geral de Planejamento Comunitário da Funai.

Ao ser indagado em Brasília se os cinta-largas estão em condições de esperar pela burocracia da Funai, o General Ismarth de Araújo disse que não se trata de problema burocrático, mas da falta de infra-estrutura do INPA em Humboldt.

O Presidente da Funai explicou que há dois anos outro grupo de cintas-largas apareceu na cidade de Humboldt assustando a população pois eles estavam munidos de "potentes arcos e flechas".

— De lá para cá eles simplesmente tinham sumido. Esses índios não são belicosos pois ainda confiam no branco. São até brincalhões e da última vez que apareceram conversaram e fizeram gestos amigáveis.

Na opinião do General Ismarth de Araújo o surgimento de índios gripados, vindo diretamente da selva, pode ser péssimo indicio, pois toda a tribo poderia estar acometida do mesmo vírus. Ressaltou que mesmo em estado natural várias tribos são encontradas com gripe:

— Mas a gripe que é transmitida pelos brancos é que é perigosa, pois carrega um vírus muito mais forte — disse o general.

Técnicos da Funai teriam sido deslocados de Brasília e Porto Velho para ver os índios que chegaram a Fontanillas, mas até ontem — cinco dias após a Funai ter sido avisada — não haviam chegado à reserva de Barranco Vermelho.

Arany Siqueira, chefe de Gabinete da Delegacia da Funai em Cuiabá, disse que nada sabe sobre índios:

— Eu não entendo nada; aliás, nem gosto e nem tenho tempo para tratar disso. Vivo metido entre papéis e não sei nada a respeito. Comigo, só a parte burocrática. Algum tempo atrás soube de outros índios desses aí que foram levados de avião pelo Governo do Estado nem sei pra onde.

Afirma-se que o deslocamento foi para não dificultar a construção da rodovia Fontanillas-Humboldt, que cruza a área dos cintas-largas.

Funai reagrupará paracanas

BELEM (O GLOBO) — A Funai vai reagrupar um número reduzido de índios paracanas que vivem próximo ao rio Anapu, na área da Transamazônica. Segundo o delegado do órgão no Pará, Coronel Antonio Augusto Nogueira, a Funai está mantendo os primeiros contatos com o grupo para saber porque abandonaram a tribo.

Depois, dependendo das causas que provocaram a separação, a Funai tentará promover o reagrupamento.

Contudo, disse o Coronel Nogueira, se isso não for possível, a Funai irá definir uma área para a sobrevivência do grupo, que tem aproximadamente 40 índios, que nunca se fixaram por muito tempo numa região.

Evangelizador

GOIÂNIA (O GLOBO) — O Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos, afirmou ontem que as

comunidades indígenas "devem ser recebidas como evangelizadoras, para que se tornem modelo para a nossa sociedade que muito tem a aprender com elas".

Falando no curso sobre perspectiva da integração do índio na comunhão nacional promovido pelo Conselho Indigenista Missionário, Dom Fernando disse ainda que a Igreja precisa ter melhor visão do índio e de sua responsabilidade na evangelização dos grupos tribais.

DECLASSIFIED

Authority AND. 29201